

A ATENÇÃO COMO OBJETO DE ESTUDO DA TEORIA CRÍTICA: EM DEFESA DA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR¹

ATTENTION AS AN OBJECT OF STUDY OF CRITICAL THEORY: IN DEFENSE OF THE INTERDISCIPLINARY APPROACH

Rafael Lopes Batista²
Marsiel Pacífico³

Resumo

Este artigo tem como objeto de análise e reflexão a abordagem interdisciplinar que o filósofo Christoph Türcke lança mão para compreender o fenômeno da atenção nos seres humanos. A partir disso, pretendemos defender e atualizar o princípio de interdisciplinaridade que caracteriza o trabalho dos pensadores da chamada Escola de Frankfurt. O texto está organizado em três seções: de início, apresentamos a problemática da atenção e buscamos fundamentar que historicamente a aproximação da filosofia com outras áreas das ciências especializadas é uma necessidade teórico-metodológica, presente já em Theodor Adorno e Max Horkheimer. Na segunda seção fazemos alguns apontamentos mais específicos a respeito da filosofia de Türcke, explicitando assim a maneira pela qual o filósofo conecta fisiologia e teologia, neurociência e sociedade. Nesta parte fica claro o caráter interdisciplinar de suas ideias, especialmente sua apropriação do conhecimento neurocientífico, o qual embasa sua teoria da cultura e da sociedade. Por fim, na terceira e última seção, ainda na esteira do pensamento de Türcke, abordamos como nas sociedades da tecnologia digital é necessário seguir trabalhando interdisciplinarmente, não só para fazer coro à história da Teoria Crítica, mas sim porque os problemas e desafios atuais, tal como o atrofiamento da atenção, exigem tal esforço.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; atenção; Teoria Crítica; Christoph Türcke.

Abstract

This article has as object of analysis and reflection the interdisciplinary approach that the philosopher Christoph Türcke uses to understand the phenomenon of attention in human beings. From this, we intend to defend and update the principle of interdisciplinarity that characterizes the work of the thinkers of the so-called Frankfurt School. The text is organized in three sections: at first, we present the problem of attention and seek to substantiate that historically the approximation of philosophy with other areas of the specialized sciences is a theoretical-methodological necessity, already present in Theodor Adorno and Max Horkheimer. In the second section we make some more specific notes about Türcke's philosophy, thus explaining the way in which the philosopher connects physiology and theology, neuroscience and society. In this part it is clear the interdisciplinary character of his ideas, especially his appropriation of neuroscientific

¹ Este trabalho recebeu apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento de Ensino, Ciência e Tecnologia do MS - FUNDECT (Temo de Outorga 191/2022).

² Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Aluno do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. E-mail: rafael.lopesbatista@hotmail.com.br.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. E-mail: marsiel.pacifico@uems.br.

knowledge, which underlies his theory of culture and society. Finally, in the third and final section, still in the wake of Türcke's thought, we address how in digital technology societies it is necessary to continue working interdisciplinarily, not only to echo the history of Critical Theory, but because current problems and challenges, such as the atrophy of attention, require such an effort.

Keywords: interdisciplinarity; attention; Critical Theory; Christoph Türcke.

Introdução

A qualidade da atenção humana está se deteriorando. Este é o diagnóstico, implícita e explicitamente, realizado por Christoph Türcke (2010; 2016), herdeiro contemporâneo da Teoria Crítica da Sociedade. Diante da quantidade e da força dos estímulos audiovisuais que o mundo das telas dispara sobre nosso aparato sensorial, a nossa atenção é desgastada ao ponto de não mais conseguir se fixar sobre estímulos que não sejam reluzentes, chamativos, espetaculares. Ou seja, aos poucos nos tornamos capazes de concentração apenas naquilo que causa choque, excitação extrema. As análises de Türcke têm por base o pressuposto de que a atenção é uma pré-condição histórica e elementar do desenvolvimento humano, e assim deveríamos preservá-la ao máximo.

Visando então conferir maior sistematização a uma possível incorporação do tema da atenção no rol dos problemas debatidos pela Teoria Crítica, o artigo será dividido em três seções. Na primeira, apresentamos a problemática da atenção e buscamos fundamentar que, historicamente, a aproximação da filosofia com outras áreas das ciências especializadas é uma necessidade teórico-metodológica, presente já em Theodor Adorno e Max Horkheimer. Analisando textos canônicos destes autores, mostraremos que o princípio da interdisciplinaridade é inerente à Teoria Crítica da Sociedade desde seu nascimento, é parte essencial dela, e que, neste sentido, autores e pesquisadores contemporâneos, vinculados a esta tradição intelectual, devem dar continuidade ao diálogo com outras ciências.

Na segunda seção fazemos alguns apontamentos mais específicos a respeito da filosofia de Christoph Türcke, explicitando assim a maneira pela qual o filósofo conecta fisiologia e teologia, neurociência e sociedade. Nesta parte fica claro o caráter interdisciplinar de suas ideias, especialmente sua apropriação do conhecimento neurocientífico, o qual embasa sua teoria da cultura e da sociedade. Esperamos aqui deixar claro que o pensamento de Türcke é enriquecedor para Teoria Crítica, pois o mesmo traz ao debate a questão da capacidade atencional do ser humano e seu risco de atrofiamento na contemporaneidade, uma vez que ela não seria meramente um dado biológico-natural.

Por fim, na última parte, concluiremos buscando repensar o escopo do que seria a indústria cultural na era da informática e da digitalização da vida, de modo que seria viável falar atualmente de uma “indústria cultural digital” (TORRE, 2021). Este movimento de atualização se mostrará importante, na medida em que evidenciará que o contexto de degradação da atenção é muito mais forte agora do que na primeira metade

do século XX, quando as tecnologias audiovisuais começam a se universalizar. Nesse sentido, defenderemos que a filosofia, especialmente em sua vertente da Teoria Crítica, não deve abdicar da interdisciplinaridade e do diálogo estreito com as ciências especializadas, pois é desta forma que poderá melhor compreender as causas e os impactos de novos problemas.

1 - O problema da atenção e o trabalho interdisciplinar na tradição frankfurtiana

Não é condição exclusiva do mundo contemporâneo as queixas acerca de pessoas (especialmente crianças e jovens) desatentas, excessivamente agitadas ou impulsivas. Apesar de hoje não serem objetos de detida análise acadêmica, de forma a sistematizá-los e aprofundá-los, há relatos da existência de médicos europeus que, já no século XVIII, demonstraram alguma preocupação em entender e estudar tais fenômenos⁴. Todavia, tendo em vista a recente proliferação de estudos que abordam patologicamente tais traços cognitivos-comportamentais, podemos afirmar com certa segurança que hoje em dia esta situação é sem nenhuma dúvida muito mais alarmante e evidente. Ainda que não dominemos o instrumental técnico e teórico das ciências da saúde, para nós professores, principalmente do nível básico da educação, salta aos olhos o crescimento de jovens demasiadamente desatentos e agitados, que não conseguem manter um comportamento minimamente condizente com uma sala de aula. É fácil notar a gigantesca dificuldade de fazer com que os estudantes se mantenham firmemente atentos nas aulas, principalmente em atividades que envolvam leituras e/ou produções textuais. Aliás, nem os filmes têm escapado dessa realidade. É recorrente ouvir colegas professores relatando a dificuldade de chamar a atenção dos alunos para aulas com recursos audiovisuais. E nem mesmo o Ensino Superior está tão distante dessa realidade, pois tem sido perceptível, e até documentado⁵, docentes reclamarem de desinteresse e desatenção por parte dos alunos na realização de atividades que são elementares para seu processo formativo.

⁴ Em 1775 o médico alemão chamado Melchior Adam Weikard publicou um artigo tratando sobre “Transtornos da Atenção”. Depois, em 1798, o médico escocês Alexander Crichton publica um livro onde investiga as causas da dificuldade atenta que algumas pessoas demonstravam ao realizar tarefas que exigiam manter-se concentradas por longos períodos (MARTINEZ-BADÍA, MARTINEZ-RAGA, 2015). Estes seriam os primeiros passos da literatura médica rumo à descrição do que hoje se assemelha ao TDAH.

⁵ Vide o relato de experiência de Maíra Borba (2020), professora do curso de Filosofia de uma universidade federal. Nele a autora descreve as frustrações que teve com a proposta de uma Oficina de Escrita para graduandos em Filosofia. Para ela, é evidente a dificuldade de persistência, atenção, concentração dos alunos. Ao final do relato conclui que “a noção de esforço é desvalorizada em prol de atalhos para o sucesso rápido”, e nisso as novas tecnologias teriam um papel significativo, pois, segundo ela, “muitos dos avanços do mundo moderno estão intimamente vinculados à necessidade de diminuir o esforço. Quanto mais

A atenção, enquanto problema filosófico, aparece de maneira mais explícita (embora não tão sistematizada ainda) na tradição da Teoria Crítica com o pensador alemão Christoph Türcke, especialmente a partir de *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*, livro publicado originalmente em 2002 e traduzido no Brasil em 2010. Ainda que de forma mais ou menos periférica, é nessa obra que o empreendimento teórico de analisar criticamente os meandros da atenção humana se inicia.

Acontece que, dez anos depois de *Sociedade Excitada*, o filósofo publica outro trabalho, e dessa vez colocando a atenção como ponto central de sua reflexão. Isso ocorre no livro *Hiperativos! abaixo a cultura do déficit de atenção* (2016). Nele, a discussão em torno da atenção é, em parte, orientada seguindo a esteira da compreensão das ciências médicas, ou seja, a partir de uma perspectiva segundo a qual predomina o discurso que julga ser legítimo classificar determinados indivíduos, com determinados sintomas, como portadores de uma síndrome – o chamado Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Todavia, o ponto diferencial de Türcke nesse texto é sua análise histórico-cultural do fenômeno atencional, isto é, ao desnaturalizar a capacidade de atenção – embora sem rejeitar o conhecimento acumulado pelas neurociências –, o filósofo constrói uma interpretação original do processo atencional. Desta maneira, podemos dizer que observar e analisar o distante passado humano, forjando assim uma genealogia da atenção, é a maneira pela qual Türcke reflete acerca desta faculdade tão cara ao aperfeiçoamento da espécie. Metodologicamente falando, analisar fenômenos socioculturais sob a lupa do contexto histórico de determinada realidade objetiva e subjetiva, talvez seja um dos pontos de maior aproximação do autor com a chamada Escola de Frankfurt.

Como bem sabemos, os pensadores desta tradição intelectual herdaram do marxismo o método de análise histórica e dialética da realidade, compreendendo que os fatos sociais e subjetivos são constituídos pelas contradições inerentes ao curso do desenvolvimento sócio-histórico. Corrobora com esse entendimento a posição assumida por Max Horkheimer em seu paradigmático ensaio *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, de 1937. Como uma fonte de inspiração aos atuais adeptos da Teoria Crítica da Sociedade, o escrito de Horkheimer é categórico quanto à necessidade de se reconhecer as determinações sócio-históricas até mesmo dos dados biológicos/naturais. As tensões

automático melhor, quanto mais um objeto for capaz de facilitar minha vida, mais valor ele tem. O que por si só não é um problema. A questão é que nossos jovens estão levando isso para outros domínios, domínios em que não é possível manter esse padrão” (BORBA, 2020, p. 119).

típicas entre polos opostos, como natureza-cultura ou indivíduo-sociedade, devem ser tratadas pela Teoria Crítica de modo confluyente e recíproco, pois, movidos pelas relações econômicas da sociedade de mercado, cada um destes polos produz e ao mesmo tempo reproduz o outro no fluxo do devir histórico:

Porém, entre indivíduo e sociedade, existe uma diferença essencial. O mesmo mundo que, para o indivíduo, é algo em si existente e que tem que captar e tomar em consideração é, por outro lado, na figura que existe e se mantém, produto da práxis social geral [...]. Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e modo de existir, mas também a *maneira como veem e ouvem é inseparável do processo de vida social* tal como este se desenvolveu através dos séculos. Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo. *Nem um nem outro são meramente naturais, mas enformados pela atividade humana*, sendo que o indivíduo se autopercebe, no momento da percepção, como perceptivo e passivo (HORKHEIMER, 1983, p. 125, grifos nosso).

Assim, há na visão frankfurtiana a tendência de desnaturalizar os diversos fenômenos que muitas vezes podem, à primeira vista, parecer eternamente fixos e estáveis, e, paralelamente, há também sempre o compromisso de compreender os mesmos fenômenos histórica e dialeticamente. Com a atenção/desatenção não é diferente. Enquanto objeto de estudo, Türcke a insere dentro de um movimento histórico real, buscando evidenciar sua formação a partir de suas próprias contradições dialéticas, e inserida dentro de determinada organização social das diferentes épocas. O que esse método de trabalho quer nos mostrar, e está claro na citação de Horkheimer, é a seguinte constatação: mesmo o aparato fisiológico-sensorial do ser humano é decisivamente afetado pelo modo de organização civilizacional que rege o mundo⁶. Tanto os objetos e fenômenos que percebemos, quanto a própria forma de percepção em sua organização sensorial correspondem a determinações criadas historicamente pelos seres humanos.

É bastante conhecido o caráter interdisciplinar que marca a Escola de Frankfurt desde seus primórdios. Intelectuais como Theodor Adorno e Max Horkheimer produziram férteis análises sociológicas e filosóficas a partir da apropriação e do diálogo com áreas tão diversas como economia política, psicologia (especialmente em sua vertente psicanalítica), música e literatura. Esta aproximação não deve ser compreendida

⁶ Coaduna com esta ideia uma frase de Theodor Adorno que surge quase como um *insight* em seu texto *Teoria da Semiformação*: “A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial” (ADORNO, 2010, p. 25). Adorno está tratando aqui do problema da debilidade da formação cultural e educacional em tempos de vigência da indústria cultural na sociedade do capitalismo tardio, portanto, já previa que nas condições de tal sociedade nem mesmo a percepção sensorial deixava de ser afetada. Em certa medida, a frase do filósofo expressa o *leitmotiv* deste artigo.

como mero ecletismo epistemológico, antes, ela é uma nobre tentativa de superar a crescente especialização e autonomização das ciências particulares que se intensificava no início do século XX. O legado desse pioneirismo frankfurtiano é facilmente percebido nos dias atuais, quando não raro, encontramos, no Brasil, trabalhos acadêmicos influenciados por ele em cursos não só de Filosofia, mas também na Educação, Artes, Comunicação, Psicologia e Ciências Sociais, por exemplo.

Sendo assim, entendemos que é tarefa do pesquisador adepto da Teoria Crítica dar continuidade a essa tradição, levando em frente e atualizando sempre que necessário o intercâmbio da filosofia com as demais ciências. Na verdade, este é um postulado explicitamente defendido por Adorno pelo menos desde sua palestra *A atualidade da filosofia*, de 1931:

Não me parece que a filosofia deva desistir outra vez do contato com as ciências particulares ou afrouxar essa ligação que, por fim, voltou a conquistar e que se coloca entre os resultados mais afortunados da mais recente história da filosofia. Ao contrário. A filosofia só poderá conseguir plenitude material e concreção dos problemas a partir do estado contemporâneo das ciências particulares. Por sua vez a filosofia não poderia elevar-se acima das ciências particulares para tomar delas os resultados como algo pronto e meditar sobre eles a uma distância mais segura. Os problemas filosóficos se encontram continuamente, e, em certo sentido, indissolúvelmente encerrados nas questões mais definidas das ciências particulares (ADORNO, 2005, p. 36).

Para melhor compreendermos essa passagem e como ela ilumina nossas pretensões, precisamos fazer uma breve digressão. Adorno realiza no texto supracitado um julgamento, segundo o qual, fracassaram em seus objetivos os projetos filosóficos oriundos do Idealismo alemão, como a fenomenologia de Husserl e de Heidegger, assim como também fracassou o Neopositivismo do Círculo de Viena, escolas de pensamento bastante influentes na época. Apesar de diametralmente opostas, Idealismo e Neopositivismo preservam elementos importantes que devem ser mantidos e conciliados numa eventual renovação da filosofia para o mundo contemporâneo. Grosso modo, nas filosofias idealistas temos a preocupação com a totalidade do real, o fundamento último da realidade e a crença de que a razão é capaz de abstrair dessa totalidade a verdade do Ser. No Neopositivismo do Círculo de Viena há o esforço de reduzir a verdade a proposições empíricas, verificáveis e testáveis, e, neste sentido, há uma rejeição muito grande a todo e qualquer resquício de metafísica. Dessa maneira, o conhecimento, sob o prisma do Neopositivismo do Círculo de Viena, tende a ser compartimentalizado, fechado

em campos de investigação que reduzem ao máximo os objetos de estudo, justamente por entender que desse modo simplificaria a verificação das proposições.

Posto isso, ao que parece, Adorno somente concebe atualidade na filosofia se ela for capaz de conjugar, dialeticamente, os dados da ciência especializada com a não renúncia pelo todo que caracteriza a história do pensamento filosófico idealista – desde que esse “todo” seja demarcado historicamente, e não seja entendido como uma totalidade atemporal, universalmente única. Assim, surge em Adorno a ideia de que a filosofia seria essencialmente interpretação, ou seja, a tarefa do filósofo consistiria em interpretar os problemas da realidade concreta a partir do conteúdo fragmentário e desarticulado das ciências particulares, de maneira a promover aí um ordenamento, ou aquilo que o filósofo também chama de “constelação”:

A autêntica interpretação filosófica não aceita um sentido que já se encontra pronto e permanente por detrás da questão, e sim a ilumina repentina e instantaneamente e, ao mesmo tempo, a consome. E assim como as soluções dos enigmas se formam quando os elementos singulares e dispersos da questão são colocados em diferentes ordenações, até que se juntam em uma figura, da qual se salta para fora a solução, enquanto a questão desaparece, da mesma maneira a filosofia tem de dispor seus elementos, que recebe das ciências, em constelações mutáveis, ou, para usar uma expressão menos astrológica e cientificamente mais atual, em diferentes tentativas de ordenação, até que ela se encaixe em uma figura legível como resposta, enquanto, simultaneamente, a questão se desvanece. Não é tarefa da filosofia investigar intenções ocultas e preexistentes da realidade, mas interpretar uma realidade carente de intenções, mediante a capacidade de construção de figuras, de imagens a partir dos elementos isolados da realidade [...] (ADORNO, 2005, p. 37).

Lembremos: essa é uma palestra convertida em texto que foi proferida na terceira década do século passado. Desde então, sobretudo as ciências empíricas avançaram de forma estrondosa. Agora, temos as neurociências constituindo talvez o campo de pesquisa mais promissor, e cujo discurso tem ampla aderência nos diversos setores da sociedade. Caracterização e cura de patologias, aprimoramento cognitivo e comportamental, esclarecimento das relações mente-corpo, redefinição do que é o ser humano: eis algumas das maiores questões que as neurociências levantam desde os anos 1990 (não à toa designada por autoridades estadunidenses como a “década do cérebro”).

O estudo detalhado do sistema nervoso, tornado possível por meio de aprimoradas tecnologias, tem produzido efeitos inclusive na teoria pedagógica, fornecendo contribuições decisivas tanto para o ensino quanto para o aprendizado, de tal sorte que já se fala até em “neuroeducação”. Obviamente, seguindo os preceitos de Horkheimer e Adorno, acima expostos, uma novidade como essa não pode passar incólume pela

reflexão filosófica. Se os frankfurtianos da primeira geração se apoderaram das descobertas da psicanálise para ampliar o alcance de sua teoria social, por que a Teoria Crítica atual não poderia trazer para si as descobertas da neurociência com o mesmo objetivo? E, mais especificamente, entendendo os mecanismos de funcionamento do cérebro humano a Teoria Crítica não poderia jogar uma nova luz ao problema da atenção e sua evidente degradação no mundo atual? Os dados da neurociência não seriam parte daquela realidade “carente de intenções” (ADORNO, 2005, p. 37), e que por isso mesmo deve ser interpretada de forma que possamos ordenar as partes dentro de um todo maior?

2 - Christoph Türcke: entre teoria social e neurociência

Promover o movimento de incorporação da neurociência pela Teoria Crítica não chega a ser algo inteiramente novo. De maneira ainda rudimentar, é provável que seus primeiros registros estejam documentados no capítulo “Fisioteologia da sensação”, o terceiro do livro *Sociedade Excitada*. Dentre outras coisas, nesta seção do livro Türcke se esforça em demonstrar a dependência do sagrado em relação ao fisiológico, corporal, ou, para ser mais preciso, poderíamos também falar de uma gênese neurofisiológica do sacro. Como assim? Vejamos.

No referido capítulo, a estratégia de mobilizar os conhecimentos da neurofisiologia insere-se num contexto específico em que o autor questiona alguns pressupostos da teoria freudiana das pulsões, e tal questionamento, por sua vez, está inserido no objetivo mais amplo de desenvolver uma pré-história da sensação, que, a reboque, acaba por também ser uma pré-história da atenção. Para o autor, a compulsão à repetição não teve na psicanálise freudiana o lugar de destaque que merecia, tendo ela sido mitigada pela noção de pulsão de morte. O problema é que a pulsão de morte, na visão de Türcke (2010), serve para naturalizar a compulsão à repetição, pois Freud a teria desvinculado dos cultos sacrificiais que subjazem às comunidades arcaicas, relegando-a a um mero impulso regressivo e pré-cultural, isto é, inerente à natureza, e a partir do qual o organismo buscaria restaurar seu estado inorgânico (a morte). Acontece que ignorar a dimensão sagrada/teológica da compulsão à repetição tornaria incompreensível o processo de hominização, visto que as funções superiores como percepção, atenção, pensamento e imaginação – as quais possibilitaram os hominídeos evoluírem para seres humanos – seriam assim pressupostas como suficientes em si mesmas, surgidas pelo simples acaso, por capricho da natureza, ou por bondade divina. Convenhamos, isso seria incompatível com qualquer Teoria Crítica da Sociedade digna deste nome. Desse modo,

a argumentação de TÜRCKE procura afirmar que as atividades mentais/cognitivas, como a atenção, têm sim sua base material em processos fisiológicos do sistema nervoso, mas, paralelamente, se objetivam sob a forma da repetição exaustiva de rituais coletivos, e assim obedecem a uma necessidade de sobrevivência muito concreta, dotada de história e resquícios de sacralidade.

O raciocínio do filósofo vai na direção de interpretar dialeticamente o instinto da compulsão à repetição, de modo que, por um lado, ela é mera reação fisiológica ao pavor originário das forças da natureza⁷, e de outro, germe de tudo o que pode ser classificado como cultura. Enquanto reação neurofisiológica ela age como sistema de legítima defesa, pois auxilia no estabelecimento de redes neuronais que adaptam o sistema nervoso no sentido de fazê-lo suportar o pavor dos choques violentos promovidos pelo ambiente. Já enquanto germe da cultura, a compulsão à repetição é a reação fisiológica externada em ritos culturais de sacrifício que manifestam e imitam o pavor originário, os quais, milenarmente repetidos, constituem as bases das antigas civilizações. Exatamente aqui talvez resida uma das maiores inovações de TÜRCKE: o polo denominado “cultura” tem sua base mais profunda assentada no polo contrário da “fisiologia”. Em outras palavras: há um laço estreito entre cultura e sagrado, e ambos habitam e atuam no plano da liberdade de criação humana; mas, ao mesmo tempo, a cultura é tão somente a consequência de um certo determinismo das pulsões, no caso, a compulsão à repetição, que age neurofisiologicamente e sem nenhuma intenção que não seja a simples preservação do orgânico. Entretanto, justamente esse mero “agir” concede, paulatinamente, as condições necessárias para o desenvolvimento cultural. É esse agir neurofisiologicamente o componente neurocientífico que irá atravessar a Teoria Crítica de Christoph TÜRCKE. Logo, torna-se imperioso compreender os mecanismos neurofisiológicos mobilizados pelo pensador alemão, assim como sua conexão com os fenômenos externos em que eles se expressam. Neste sentido, é válida a explicação do professor Oswaldo Giacóia Junior. Segundo ele:

⁷ Talvez pareça um tanto abstrato falar aqui de “forças da natureza” geradoras de pavor, medo ou susto intenso, mas se isso ocorre certamente é por que nós nascemos e vivemos num contexto civilizacional que já apaziguou quase por completo as manifestações de tais forças, principalmente através da ciência e da técnica. TÜRCKE (2010) insinua isso algumas vezes, e ele próprio dá exemplos de quais fatos seriam este desencadeador do pavor traumático: tempestades, ataques de animais ferozes, erupções vulcânicas etc. Se até hoje muitos de nós por vezes nos assustamos com os fortes relâmpagos e sons estrondosos de trovões, imaginemos então como os primitivos deviam ter sido atormentados por eles. E o que dizer da lava ardente sendo expelida a quilômetros de distância ou os tornados e enchentes que certamente devastavam clãs e comunidades inteiras? Ora, com certeza os nervos dos homens primitivos eram abalados com uma violência quase inimaginável para nós, de tal sorte que só poderiam mesmo ter interpretado acontecimentos desse tipo como algo extraordinário, espantoso e incomensurável.

A criação de canais nervosos de escoamento, pela via dos neurotransmissores (sinapses), constrói as vias de escoamento, o que se realiza pela repetição do circuito percorrido pela quantidade de excitação, desde sua fonte psicossomática até o terminal de escoamento e descarga motora [...]. A inflexão decisiva dada por Christoph Türcke consiste em associar o conceito freudiano de compulsão à repetição ao processo de fixação desses canais de escoamento da experiência (dolorosa) traumática do susto. Por meio da compulsão à repetição, a vivência coletiva do susto é mobilizada para o exorcismo do trauma. Este passa a ser dominado por meio do expediente da repetição do trauma, de tal modo que, passando sempre pela mesma experiência, as vias de escoamento ficam demarcadas de tal maneira que o costume gerado produz um “calcinamento” das cadeias neuronais, em cujo percurso a energia acumulada é então escoada pelo aparelho nervoso (GIACÓIA JUNIOR, 2012, p. 16).

Esse processo de “escoamento” e “descarga” da excitação é a neutralização do pavor a partir de sua familiarização, promovida justamente pela repetição ritualística de um pavor secundário, a saber, os cultos sacrificiais. O susto/choque causado no organismo e que é interpretado como sagrado, deve ser debelado, absorvido, familiarizado. Em termos neurológicos, para sobreviver o organismo precisava canalizar o excesso de excitação gerada pelo trauma violento, e, nos tempos mais remotos, o único meio disponível para os hominídeos realizarem isso era a repetição de ações, materializadas internamente por meios específicos do *Homo Sapiens*:

Esses meios são os da ligação neuronal. O cérebro humano se constitui de estimadamente meio bilhão a um bilhão de neurônios. As possibilidades de ligações entre eles em pontos de contato condutores de excitação, as chamadas sinapses, não são, em virtude de sua diversidade, de maneira nenhuma aleatórias; são, porém, em virtude de sua imensa quantidade, quase inesgotáveis, inclusive no sentido de que o sistema nervoso por si mesmo não tende absolutamente a experimentá-las todas. Tendo-se, porém, aberto o caminho para certas ligações – e ‘abrir caminho’ é uma metáfora freudiana recorrente para aqueles traços de excitação que atravessam o sistema nervoso e constituem o fato ‘psique’ –, uma vez que os neurônios se mostram bem-sucedidos processadores de excitação, é muito mais cômodo conservá-los e paulatinamente automatizá-los (TÜRCKE, 2010, p. 128).

Assim, a configuração neurofisiológica do ser humano lhe permite fomentar uma infinidade de adaptações, hábitos e costumes que estão potencialmente disponíveis na relação homem-mundo. Canalizar a excitação é pré-condição da cultura, ou, dito em linguagem lógico-formal: apesar de não ser condição suficiente, o serviço prestado pelo sistema nervoso humano ao debelar o excesso de excitação sensorial é condição necessária para o surgimento da cultura. Quer dizer, a cultura tem necessariamente uma sustentação neurológica já que, em última instância, o potencial dela reside na enorme

capacidade do cérebro humano criar e recriar redes de ligações neuronais que auxiliam o organismo a se preservar frente ao ambiente ameaçador.

Cabe ressaltar ainda que a subversão da psicanálise freudiana, materializada pela sua singular leitura mágico-sagrada da noção de compulsão à repetição, fez com que Türcke conseguisse ampliar o potencial do alcance cultural do conceito, mas sem menosprezar sua ancoragem neurocientífica:

Reproduzir o pavoroso para justamente com isso torná-lo suportável, conhecido e mesmo familiar, foi a legítima defesa fisiológica de feixes de nervos que de outro modo não saberiam onde correr para debelar o excesso repentino de excitação do choque traumático e construir trilhos nervosos para sua descarga. Em suma, a base neurológica da compulsão à repetição é o anseio pela debelação de tensões: por proporções equilibradas de excitação (TÜRCKE, 2010, p. 202).

A neutralização da excitação provocada por estímulos externos ocorre na medida em que aquelas redes são firmadas, bem estabilizadas, enfim, fixadas no organismo com parte de seu funcionamento essencial. Ora, para isso parece ser imprescindível a repetição. A descarga de excitação que determinadas ações (os rituais sacrificiais) promovem não é suficiente acontecer uma única vez, ao contrário, tem de ser repetida numa constante que permita fixar as redes neurológicas de escoamento. Desse modo, o susto provocado pelo pavor traumático, que é altamente excitante, age, no final das contas, como “elemento formador do aparato sensorial humano” (GIACÓIA JUNIOR, 2012, p. 16). Isso porque, a compulsão à repetição, colocada em ação a fim de debelar a tensão, treinou e moldou os órgãos e a percepção de toda nossa espécie. Memória e atenção, por exemplo, são frutos tardios da necessidade humana de repetir, assim como a própria maneira de sentir e receber estímulos também o são. O que foi para nossos antepassados mais longínquos uma estratégia grosseira de suportar sofrimento e dor, é, para nós, homens modernos, a gênese e o alicerce das faculdades cognitivas mais nobres:

Se a sensação primeva dos seres humanos é o pavor, um “eis” categórico, absoluto, isso então significa que, quando a percepção começou a se tornar especificamente humana, ela se inflamou ao extremo, ao primordialmente excitante. Ela se tornou *sensatio* através do sensacional *par excellence*. Apenas por meio do artifício singular de torná-lo familiar pela repetição, de temperar sua torrente de excitação é que foi exercitado, treinado, preparado aquilo que hoje se evidencia como sensorio humano e que parece transmitir-se de geração para geração como um conjunto de certas formas de percepção e presentificação mais ou menos firmemente ligadas. Em outras palavras: o sensorio humano, que nos parece um dote constante do *Homo sapiens*, é o resultado de uma longa desescalada da sensação [...] (TÜRCKE, 2010, p. 170).

Ou seja, a assimilação sistemática de estímulos sensoriais extraordinários converteu aquela sensação extrema, absoluta, em sensação cotidiana e suportável, a qual serviu de base para formação estrutural do que é hoje o sistema perceptivo humano. E mais do que isso: esse redimensionamento das sensações gerou o sagrado, de modo que houve, nos primórdios da humanidade, uma clara “indiferenciação entre fisiologia e teologia” (TÜRCKE, 2010, p. 142). Esse fato aparece para nós, filhos da avançada ciência e tecnologia, demasiadamente obscuro e absurdo, mas isso acontece justamente por que com o passar dos milênios o ser humano foi capaz de substituir os modelos de absorção da excitação sensorial. Se de início era a oferta de vida humana que apaziguava as forças extraordinárias que atormentavam coletividades arcaicas, na modernidade isso não faz mais sentido algum, pois nossos antepassados há muito superaram as sensações espantosas e terríveis, de modo a substituí-las, racionalizando-as, explicando-as. Filosofias, ciências e artes são frutos tardios deste longo e árduo processo.

Enfim, o pensamento de Christoph Türcke tem se mostrado como uma rica fonte de interpretação de antigos e novos problemas da sociedade, inclusive no âmbito educacional. Ao mobilizar parte do conhecimento neurocientífico então disponível na época da publicação original de *Sociedade Excitada* – isto é, no ano de 2002 –, o filósofo amplia e ajuda fundamentar, a partir de elementos empíricos-biológicos, uma teoria social que mergulha no âmago de nossa civilização, pois além de considerar os processos socioculturais/políticos/econômicos que abalam o mundo contemporâneo, leva em conta também o modo como tais processos atingem fisiologicamente o aspecto mais particular dos indivíduos, a saber, suas qualidades mentais/cognitivas. Ademais, poderíamos nos perguntar: o fisiológico determina o social, ou o social determina o fisiológico? Primeiro vem a natureza e depois a cultura, ou a cultura (re)modela nossa natureza? A ontogênese é, apenas em escala menor, o reflexo da filogênese, ou esta configura-se paralela e intrinsecamente àquela? Como bom dialético que é, Türcke faz estas categorias se entrelaçarem, não havendo em seu pensamento a sobreposição unilateral de um aspecto sobre o outro, mas sim uma correlação, um processo vivo e dinâmico de interdependência. A agudeza e vivacidade da Teoria Crítica formulada pelo pensador alemão talvez resida precisamente nessa interlocução frequente que ele consegue operar entre polos aparentemente antinômicos: individual-geral, natureza-cultura, fisiologia-teologia.

3 - Indústria cultural digital e a luta pela atenção

Pensar a neurociência como área interseccionada com a Teoria Crítica da Sociedade é uma perspectiva de investigação assentada, primeiramente, no pressuposto de que existe a necessidade de atualização de alguns conceitos fundamentais daquela tradição filosófica, entre eles o de indústria cultural. Apesar dessa atualização não ser nosso intento neste artigo, vale fazermos algumas breves considerações para melhor contextualizarmos como tal tarefa se relaciona com a possível renovação neurocientífica da Teoria Crítica.

Assim como Adorno e Horkheimer foram intelectuais que apontaram o rádio, a televisão e o cinema como a materialização técnica e histórica da indústria cultural, urge à Teoria Crítica atual refletir sobre os novos meios técnicos que reproduzem a lógica deste conceito no contexto atual. Aliás, esse empreendimento teórico casa com a compreensão de Bruna Della Torre, que defende a ideia de que o conceito de indústria cultural é uma agenda de pesquisa em aberta (TORRE, 2021).

Na área da educação, como atestam os professores Antônio Zuin e Luiz Gomes (2017), a indústria cultural deve ser pensada de acordo com as determinações daquilo que passa a ser chamado de “cultura digital”. Em outras palavras, o termo cultura digital, tão ouvido no meio pedagógico e mesmo em meios extra-acadêmicos, é a objetivação da indústria cultural no mundo marcado pela revolução microeletrônica, e é nessa perspectiva que os pesquisadores brasileiros afirmam: “Atualmente, conceitos-chave elaborados pelos pensadores frankfurtianos, tais como indústria cultural, formação e semiformação estão sendo reavaliados em função do modo como as mediações da cultura digital os reconfiguram” (ZUIN; GOMES, 2017, p. 102).

Hoje temos a internet, milhares de jogos eletrônicos, plataformas de *streaming* e dezenas de redes sociais, além é claro do *smartphone*, instrumento que é capaz de condensar toda representação da indústria cultural num único objeto. Todo esse aparato está disposto numa rede complexa de grupos, corporações, instituições, valores e crenças que compõem a organização socioeconômica do capitalismo contemporâneo, de modo que ao refinar sua atuação na cultura hodierna por meio da modernização incessante, estas tecnologias ganharam em agilidade, intensidade e capilaridade social quando comparadas às antigas mídias. Estas mudanças trazem impactos severos em praticamente todas as esferas da vida pública e privada dos sujeitos, pois alteram veloz e bruscamente a maneira como eles se comunicam, descansam, fazem compras, se informam, se relacionam,

estudam e se divertem. É certo que transformações desse tipo não deixariam impune o sensorio humano.

Fica cada vez mais evidente que o excesso de estímulos audiovisuais age agressivamente não só contra o pensamento autônomo, mas inclusive contra sua própria infraestrutura biológica e físico-química. Isso obviamente é muito grave, pois então a indústria cultural para além de danificar as subjetividades e a formação cultural, também danifica a base neurofisiológica delas, alicerce de toda cultura. Demonstrar isso empiricamente poderia dar mais força e contundência à Teoria Crítica. E é justamente este papel de demonstração material que aqui pretendemos conferir às neurociências. Neste sentido, estamos em convergência com aquele princípio adorniano, mencionado anteriormente, sobre a filosofia ter uma orientação baseada no “estado contemporâneo das ciências particulares” (ADORNO, 2005, p. 36). Desse modo, ao sugerir que a Teoria Crítica pode ser conduzida dialogando com os estudos sobre o funcionamento do cérebro humano, acreditamos estar defendendo uma ideia plenamente confluyente com a epistemologia frankfurtiana. Pois, conforme se verifica em estudos recentes: “[...] pesquisas desenvolvidas pela Teoria Crítica são potencializadas por estudos teóricos e empíricos, que ampliam o escopo da compreensão crítica das mediações que compõem os fenômenos culturais da vida social contemporânea” (ZUIN; GOMES, 2017, p. 99).

Pois bem, e se essa cultura digital passa a integrar as mais diversas esferas da sociabilidade humana ao ponto de se impor como a catalizadora máxima de nossa faculdade atenta, quais então seriam os riscos de aprofundamento da pseudoformação? Uma sociedade onde o regime atencional é marcado pela dispersão concentrada dos choques imagéticos (TÜRCKE, 2016), cujos disparos são feitos pela onipresente maquinaria audiovisual, além de retroceder culturalmente, poderá tal sociedade retroceder também (neuro)biologicamente? De certo modo, estas são perguntas que já a algum tempo preocupam os teóricos críticos, especialmente a partir da publicação do livro *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção* (2016). No Brasil um dos intelectuais de destaque que ajuda a esclarecer este problema é, novamente, o professor Antônio Zuin. Inspirados nas ideias e categorias de Christoph Türcke, ele e Vânia Zuin, no artigo *A indústria cultural na era da tela onipresente* (2019), comentam, dentre outras coisas, sobre a dependência – inclusive fisiológica (ou seja: vício) – que as telas tendem a engendrar nas pessoas:

Diante da universalização dos choques imagéticos em praticamente todas as relações sociais, ele [Türcke] enfatizou o modo como o consumo de tais choques ocorria em meio à produção de incomensuráveis distrações. Ou seja, o choque imagético capturava a atenção para logo em seguida tritura-la por meio de incontáveis distrações que aconteciam todas as vezes que um novo choque vencia a luta titânica de se destacar de alguma maneira em relação a outro choque. A agressividade de tais choques seduzia o espectador, a ponto de se engendrar uma espécie de vício audiovisual, como se fosse uma injeção que o organismo precisasse consumir diariamente [...]. Diante do atual bombardeamento dos estímulos audiovisuais, os quais são consumidos continuamente principalmente pelo uso dos aparelhos celulares, a dispersão da concentração não se torna uma espécie de consequência, mas sim se transforma numa parte “essencial” da concentração, pois se trata de uma essência mediada historicamente pelo vício de tais estímulos (ZUIN; ZUIN, 2019, p. 97).

Concentrar a atenção de tal forma a torná-la uma atenção dispersa, a qual salta de um estímulo a outro, procurando prender-se, nem que seja por instantes, àquele que seja mais radiante, chamativo e espetacular: esta é uma característica da indústria cultural que em princípio estava contida, ou ao menos podia ser intuída, desde 1944, quando Adorno e Horkheimer cunharam o termo. Todavia, na era da digitalização da vida, tal característica é quantitativa e qualitativamente alterada. Quantitativamente porque agora temos um maior arsenal midiático enraizado e diluído na integralidade dos espaços e tempos que regem nossa vida; da hora em que acordamos ao momento em que dormimos temos à nossa disposição um sem-número de distrações, que englobam desde aplicativos de conversa até séries inteiras para “maratonar”, passando ainda, por exemplo, por vídeos curtos do *Kwai* ou *TikTok*. Em termos qualitativos, a indústria cultural digital é ainda mais prejudicial para nosso regime atencional, pois sua roupagem microeletrônica permite impregnar de forma mais veemente, subjetiva e objetivamente, as ideologias da sociedade de mercado. Consequentemente – e este é um dos alertas de Türcke desde a publicação de *Sociedade Excitada* (2010) –, estamos gerando uma nova ontologia, baseada na percepção do sensacional, de tal sorte que nossa existência passa a ser ancorada na capacidade estética de fazer-se notar, ser percebido, chamar a atenção. Dito em termos mercadológicos: ser percebido, existir socialmente, depende da propaganda que cada um faz de si mesmo:

Quando o comercial se transforma na ação comunicativa por excelência, ele passa a ser equivalente à presença social. Quem não faz propaganda não comunica; é como uma emissora que não emite: praticamente, não está *ai*. Fazer propaganda de si próprio torna-se um imperativo de autoconservação [...]. Mesmo em todas as formas de interação humana vale o seguinte: quem não chama a atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido (TÜRCKE, 2010, p. 37).

Daí a situação generaliza em que a luta pela atenção (TÜRCKE, 2010) entre indivíduos, corporações e todo tipo de instituições, faz esta faculdade cognitiva se tornar deficitária, pois se todos estão o tempo todo tentando conquistar a atenção uns dos outros, os estímulos necessários para isso paulatinamente se tornam mais espetaculares e violentos e, ao mesmo tempo, mais fugazes e descartáveis. Em outras palavras, na era da tecnologia digital, a atenção humana se torna refém da pressão concorrencial e da força de coação dos estímulos audiovisuais – haja vista ser somente assim que eles têm chances de nos excitar fisiologicamente.

À guisa de conclusão

Em suma, as transformações quantitativa e qualitativa da indústria cultural são decorrentes da revolução digital, que por sua vez foi impulsionada principalmente com o desenvolvimento da informática a partir da década de 1980. Tais fenômenos possibilitam e exigem problematizações novas por parte da Teoria Crítica da Sociedade. Neste sentido, a obra de Türcke constitui um abundante material para oxigenar as ideias e as pesquisas que tenham como norte este referencial teórico-metodológico.

O arcabouço puramente filosófico não parece ser suficiente para demonstrar que a regressão da atenção é um dado objetivo da realidade, assim como ele é insuficiente também no esclarecimento dos mecanismos internos de funcionamento da atenção. Por essa razão, se queremos compreender de forma satisfatória as consequências da desatenção enquanto regime sociocultural, devemos aliar à filosofia as neurociências. Assim, o par atenção-desatenção, especialmente em suas repercussões pedagógicas e formativas, exige que se coloque na ordem do dia a agenda de uma Teoria Crítica com orientação neurocientífica.

Referências

ADORNO, Theodor. “A atualidade da filosofia”. *Revista Primeira Versão*, Porto Velho/RO, v. XIV, n. 195, 2005, p. 31 - 42. Disponível em: http://www.primeiraversao.unir.br/volumes_pdf/volume%20XIV%202005.pdf. Data de último acesso: 06/02/2023.

_____. Teoria da Semiformação. IN: PUCCI, B.; ZUIN A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010, p. 07-40.

BORBA, Maíra de Souza. “Relato de experiência docente”. *Eleuthería – Revista do Curso de Filosofia da UFMS*, Campo Grande/MS, v. 5, n. especial, 2020, p. 106-120. Disponível *on line*: <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/12194>. Acesso em: 09/02/2023.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e Teoria Crítica. IN: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor; HABERMAS, Jürgen. 3ª ed., (Coleção Os pensadores). *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. A Teoria Crítica em Lüneburg: um tributo brasileiro a Christoph Türcke. In: ZUIN Antônio; LASTÓRIA, Luiz Calmon Nabuco.; GOMES, Luiz Roberto. (org.). *Teoria Crítica e formação cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MARTINEZ-BADÍA, Jose; MARTINEZ-RAGA, Jose. “Who says this is a modern disorder? The early history of attention deficit hyperactivity disorder.” *World Journal Psychiatry*, v. 5(4), 2015, p. 379-386. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4694551>. Data de último acesso: 02/01/2023.

TORRE, Bruna Della. “A nova ‘organização’: Adorno, indústria cultural (digital) e a extrema-direita hoje”. *Blog da Boitempo*, 2021. [publicado em 24 junho de 2021]. Disponível *on line*: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/06/24/a-nova-organizacao-adorno-industria-cultural-digital-e-a-extrema-direita-hoje/>. Data do último acesso: 11/01/2023.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

_____. *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2016.

ZUIN, Antônio; GOMES, Luiz Roberto. “A Teoria Crítica e a sociedade da cultura digital”. *Revista Eletrônica de Educação, [S. l.]*, v. 11, n. 1, p. 97–107, 2017. Disponível *on line*: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2183>. Data do último acesso: 08/01/2023.

ZUIN, Antônio.; ZUIN, Vania. “A Indústria Cultural na era da tela onipresente”. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, Curitiba, v. 14, n. 36, 2019, p. 89-104. Disponível *on line*: <https://interin.utp.br/index.php/a/article/view/2090>. Data do último acesso: 23/02/2023.

Recebido em: 10/05/2023.

Aprovado em: 20/06/2023.